

MESMOS IDEAIS, RUMOS DIFERENTES: UM PARARELO ENTRE A REVOLUÇÃO FRANCESA E A REVOLUÇÃO DO HAITI

Aline Garcia Chaves Noronha¹

RESUMO

Este artigo pretende estimular discussões acerca da conjuntura histórica que culminou no processo de independência do Haiti, analisando a complexidade socioeconômica presente nessa ex-colônia francesa. Ao propor questões referentes à influência da Revolução Francesa em tal fato histórico, o artigo também aborda as condições que favoreceram a repercussão e absorção dos ideais iluministas pelos revolucionários.

PALAVRAS-CHAVE: Revolução Haitiana; Revolução Francesa; Iluminismo.

INTRODUÇÃO

A historiografia, principalmente a dos países mais desenvolvidos, ainda não explorou o que poderia já ter explorado sobre o Haiti, em especial seu processo de independência. Talvez tentando ignorar um exemplo não muito recomendável para o resto do mundo, na visão capitalista e imperialista, ou para não admitir que se deixou haver tamanha revolução que destruiu a confiança da raça branca e todo o seu ideal de superioridade, os historiadores evitaram por muito tempo abordar esse assunto.

Ao iniciar a pesquisa para este trabalho, estava considerando somente a independência do Haiti como um todo, e o período do pós-independência. Mas ao ler algumas fontes historiográficas, percebi algo extremamente interessante de se trabalhar: a influência da Revolução Francesa na libertação do Haiti. O próprio contexto histórico e ideológico da metrópole servindo como incentivador para a emancipação de sua colônia.

É claro que outros fatores contribuíram para o estopim do movimento. Aliás, eles foram a base da motivação dos rebeldes, que viviam descontentes com sua condição, como será visto posteriormente. Mas foi a Revolução Francesa que favoreceu o surgimento de um contexto de reivindicações por todas as partes.

As fontes utilizadas, em sua grande maioria, são artigos, e bastante recentes, como se notará. Isso denota a escassez de estudos sobre esse acontecimento bem peculiar, e extremamente rico de possibilidades de pesquisa. Como já foi dito, tem sido mais cômodo não tratar de tal assunto, por ele indicar uma refutação à história oficial dos países dominantes, que foram abalados por essa revolução.

Porém, a existência desses trabalhos pode também apontar transformações, já que, por si próprios, eles são reveladores de um interesse progressivo sobre o tema. A historiografia teria muito a ganhar se as pesquisas sobre o Haiti fossem mais numerosas e cada vez mais intensas.

O artigo está dividido em três partes. Na primeira, há a análise de todo o contexto histórico em que se encontrava a ilha de São Domingos nos momentos anteriores à deflagração da Revolução Francesa. A segunda parte aborda esta própria revolução, assim como as influências que teve. Um exame crítico do Iluminismo se fez pertinente para que não fossem esquecidos os valores que fundamentavam o movimento e guiavam os franceses naquele momento. No terceiro tópico, são ressaltadas as reações de cada grupo social da colônia quando as notícias do movimento francês chegaram lá. Em seguida, há um estudo pormenorizado da Revolução do Haiti e suas consequências.

A CONJUNTURA SOCIAL E ECONÔMICA HAITIANA NAS VÉSPERAS DA REVOLUÇÃO FRANCESA

A ilha de São Domingos, sob domínio francês a partir de 1695, foi um dos mais prósperos territórios coloniais do mundo. Era elevada a produção de cana-de-açúcar, assim como a de café, algodão e vários outros gêneros agrícolas. Essa produtividade das *plantations* era tão conhecida mundialmente como a qualidade dos produtos da região, que chegou a ser responsável por dois terços da exportação do açúcar mundial. Uma outra excelente fonte de riqueza para os franceses era o tráfico de escravos vindos de diversos países da África. Foi o trabalho de enormes contingentes de escravos que potencializou a produção e veio a dar enormes lucros para a França.

São Domingos, por sua vez, não era apenas a exótica terra natal de uma população não-européia, na qual os europeus entraram por sua conta e risco. São Domingos era, ao contrário, o culminar de três séculos de inovações no Mundo Atlântico, uma fronteira tecnológica onde senhores de terra brancos (numericamente superados por seus escravos, na proporção de 12 por 1) demonstravam, com uma

eficiência e brutalidade inigualáveis, sua habilidade para explorar o trabalho dos escravos. Origem de aproximadamente metade do açúcar e do café produzidos no mundo, em 1789, São Domingos chegou a parecer indispensável para a manutenção da civilização europeia, e da economia atlântica.²

Mas a situação desses escravos era degradante. As longas jornadas de trabalho, juntamente com a fome e as doenças, marcavam a condição desumana em que sempre se encontraram as vítimas do tráfico negreiro, não só em São Domingos, atual Haiti, como no restante da América e também em outros continentes. Os castigos eram constantes, e a morte de um escravo era compensada de modo simples pela substituição de um outro. Todo esse contexto levava essa população explorada a tentar fugir e se organizar em comunidades livres, já que a alforria era somente uma vã esperança. Outros chegavam a matar seus senhores envenenados. Alguns encontraram somente o suicídio como uma via para a liberdade. O ódio e a repugnância a tal sistema escravista e aos proprietários aumentavam cada vez mais, alimentando um desejo de vingança que culminaria numa revolução social.

É pertinente mencionar que não só escravos e brancos compunham aquela sociedade. Havia também os mulatos livres, que tornavam mais complexo o quadro social e político daquela região. Eram discriminados pelos brancos, porém não admitiam ser comparados aos negros, vistos como inferiores. Todo esse panorama mostra as intrincadas relações que havia na época, indicando que “nesse cenário de desintegração, do *grand blanc* contra o *petit blanc*, do branco contra o *mulatto*, do *mulatto* contra o negro, Saint-Domingue era a América colonial num microcosmo”³. Os conflitos sociais entre esses grupos foi uma questão à parte na Revolução do Haiti, na medida em que seria preciso um estudo aprofundado sobre o assunto, para que uma melhor reflexão fosse feita. Entretanto, não convém a este trabalho, pois seus objetivos se referem a outros aspectos desse acontecimento.

OS IDEAIS ILUMINISTAS E A REVOLUÇÃO FRANCESA

A Europa absolutista do século XVIII foi palco do surgimento de um movimento que modificaria a visão de mundo de grande parte daquela sociedade. O Iluminismo, ou Ilustração, foi responsável pela origem do pensamento moderno, em que o indivíduo ganha poder e a razão se torna o melhor meio para se obter a liberdade e a autonomia.

Eram criticados o absolutismo, o mercantilismo e a Igreja Católica. Para François-Xavier Guerra,

Este triunfo del individuo, visible claramente en lo filosófico con Descartes, con Hobbes, Locke y Rousseau en lo político y con Adam Smith en lo económico, es inseparable de la extensión de formas de sociabilidad de un nuevo tipo. Estas sociabilidades modernas que se caracterizan por la asociación de individuos de orígenes diversos para discutir en común, presentan rasgos muy distintos de los cuerpos y de las asociaciones antiguas. ⁴

Na França, a homogeneização da sociedade fazia com que as elites perdessem seu efetivo poder, ou pelo menos boa parte dele, deixando-as numa situação de subordinação. Longe de uma posição dominante, os membros da elite elaboravam ideais iluministas não compatíveis com a realidade social. Propunha-se uma sociedade igualitária, em que os indivíduos, livres, poderiam opinar e exercer conjuntamente o poder. Mas não era isso que realmente existia. A sociedade em que viviam era baseada em hierarquias e o poder provinha da tradição, não dos próprios cidadãos. Porém, durante certo período essas elites buscavam alianças com o rei para conseguir seus objetivos.

Foi através da revolução que esse novo modo de ver a sociedade se impôs. Precursora de diversas outras revoluções, a Revolução Francesa venceu o absolutismo, guilhotinando o rei e elaborando a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, que foi tipicamente uma iniciativa liberal e burguesa, pois resguardava a liberdade de todos, o direito à propriedade e à igualdade, mas a jurídica, não a social. Segundo Juan Francisco Martínez Peria,

Los grand blancs inmediatamente pusieron el grito en el cielo, ya que si la declaración era verdaderamente universal significaba, ni más ni menos, la ruina absoluta del sistema colonial y del esclavismo. Sin embargo, los plantadores no tenían verdaderamente de qué preocuparse, ya que, en realidad, tras la fraseología universalista de la Declaración, se escondía un fuerte particularismo, eurocentrista, racista, sexista e imperial. En fin, el Hombre al que la declaración “universal” le reconocía derechos naturales, no era todo ser humano si uno muy particular: el hombre varón, blanco, europeo y propietario. ⁵

A REPERCUSSÃO NA COLÔNIA DA REVOLUÇÃO DA METRÓPOLE – E O INÍCIO DA REVOLUÇÃO DO HAITI

Ao defender o direito à liberdade e à igualdade dos homens, a Revolução Francesa logo provocaria agitações na ilha de São Domingos. Foram diversas as reações a esse acontecimento, pois cada grupo social possuía seus próprios interesses, que estariam ou sendo defendidos ou contrariados. Em relação à difusão das concepções francesas no Haiti, o historiador Dale Tomich argumenta:

As ideias do Iluminismo e da Revolução Francesa não viajaram até o Haiti para exercer sua influência. Ideias, movimentos e instituições reverberaram do outro lado do Atlântico e interagiram umas com as outras porque eram parte do mesmo complexo de relações transatlânticas. De formas diferentes, as condições eram maduras para elas em cada polo do complexo metrópole-colônia. As mesmas ideias puderam ter consequências muito distintas em cada contexto particular. Grupos diversos apropriaram-se delas, adaptaram-nas e mobilizaram-nas de várias formas em locais geográficos e sociais específicos. Os mesmos Direitos do Homem podiam ser interpretados de maneiras diferentes em cada local e em cada conjunto de condições, e as pessoas delas podiam se apropriar, interpretá-las e aplicá-las de maneiras originais e surpreendentes para se referirem às suas situações imediatas. ⁶

Os grandes proprietários de terras e de escravos, por exemplo, temeram bastante, e com razão, as consequências dessa ideologia de defesa à liberdade, já que toda sua fortuna se baseava na exploração de homens. É pertinente mencionar que a própria Inglaterra começou a fazer propaganda contra o regime escravocrata, já que perdeu sua colônia na América do Norte devido à influência do pensamento iluminista francês. ⁷

Os mulatos e negros livres achavam que essa era uma oportunidade única de eliminar os preconceitos raciais. Porém, engana-se quem imagina que eles também queriam a liberdade dos escravos, posto que muitos eram proprietários de escravos.

Vicent Ogé, negro liberto que mantinha contato com franceses, reivindicou, juntamente com associações contra o racismo, os direitos dos homens livres de cor da colônia. Não conseguindo alcançar seus objetivos, organizou uma rebelião com escravos, falhando novamente. Dessa vez, foi condenado e punido com a morte, assim como seus aliados. Ao mesmo tempo, também conseguiu chamar a atenção da metrópole para a situação tensa em que se encontrava a colônia.

Os escravos começaram a tomar consciência do que estava ocorrendo na ilha e deram início à organização da revolução. Satisfaziam sua ânsia de vingança matando seus senhores sem misericórdia e queimando plantações. Inúmeras propriedades foram destruídas. Os mulatos e os negros livres a eles se uniram, percebendo a dimensão que estava tomando aquela rebelião e receando serem atingidos. Tiveram que deixar de lado

todas as diferenças raciais e sociais, lutando contra um inimigo comum e por um objetivo semelhante.

La insurrección fue, durante las primeas semanas, como un huracán sin demasiada organización, pero lentamente los miles de esclavos insurrectos, al encontrar fuertes resistencias para tomar Le Cap Française, empezaron a nuclearse en torno a sus líderes Jean François, Georges Biassau y Jeannot, conformando una suerte de guerrilla armada. Al poco tiempo se les unió como lugarteniente, quien años después sería el líder indiscutido de los esclavos rebeldes, Toussaint Louverture. ⁸

Toussaint Louverture era um ex-escravo que teve um tratamento diferenciado desde a infância. Suas habilidades e inteligência eram notáveis até para seu senhor. Pode-se afirmar que Toussaint viveu de forma parecida com a de um branco burguês. Estudou bastante e participou do exército espanhol e francês. Devido a ser um homem culto, que sabia ler e escrever, teve condições de frequentar debates sobre as ideias revolucionárias francesas. Em suma, tinha a capacidade de se tornar o líder de uma profunda revolução. Aliás, antes mesmo da revolução, ele já tinha a admiração dos escravos. Pode-se dizer que o que Toussaint desejava para seu povo eram os mesmos direitos que os habitantes da metrópole agora tinham.

Por falta de reflexão sobre a personalidade deste homem frente os desafios de sua época, tende-se a subestimar seu valor. Aqui na parte francesa da ilha de São Domingos como entre as hostes de Spartacus, cumpre a uma liderança não apenas levar esses rebeldes a essa ou àquela vitória, mas levá-los a que como homens livres definam nova identidade, nova pertinência, nova personalidade, já que a escravidão destrói todos os valores da alma, empurra o homem ao nível das coisas vis. ⁹

Depois de muitos combates contra tropas não só francesas, como inglesas e espanholas, os revolucionários conseguiram derrotá-las, e Toussaint passou a organizar toda aquela situação caótica em que se encontrava o Haiti. Buscou recuperar e intensificar a economia, assim como restabelecer a estrutura das cidades destruídas pelas lutas e, principalmente, dar qualidade de vida àquela população. Suas iniciativas obtiveram sucesso acima da expectativa, tendo como consequência a admiração e respeito de todos ¹⁰.

Com a morte de Toussaint Louverture, em 1803, a liderança da luta pela independência passou a Jean-Jacques Dessalines, outro negro que conseguiu vencer os franceses com uma poderosa aliada – a febre amarela ¹¹ – e declarou independente a ilha

de São Domingos em 1º de janeiro de 1804. A partir desse momento a ilha passou a ser chamada de Haiti.

O nacionalismo vindo da independência era particularmente construído em torno de um significado racial. Como propõe Renata de Melo Rosa, “no Haiti, a ideia de povo, a partir da Revolução de 1791, encontra no valor da negritude seu *devoir* mais explícito. Esta percepção terá resultados imediatos, através de sucessivas ocupações da parte espanhola da ilha, com o objetivo de construir um império *une et indivisible*.”¹².

A Revolução do Haiti teve grande repercussão por toda a América, principalmente nas nações escravistas. De acordo com Washington Santos Nascimento,

A revolução haitiana também trouxe um endurecimento das leis escravistas e dos mecanismos coercitivos, além de uma atitude menos tolerante para com homens livres de cor. Para uma parcela dos escravos, mostrou que era possível construir um movimento de libertação que os levasse à tomada do poder.¹³

Propagou-se o medo de ocorrer mais levantes de escravos, inclusive no Brasil. Entretanto, parece que essa não foi a primeira vez em que uma minoria dominante temeu a revolta da maioria dominada. Segundo um estudo de Leandro Karnal, “o haitianismo (medo de uma rebelião negra generalizada) constituía a versão de um receio que Hernán Cortés já expressara em 1519 com outra tonalidade étnica: um punhado de brancos dormindo cercado de milhões de indígenas pouco felizes...”¹⁴.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Haiti foi durante toda sua história um caso particular na América. Com o início da colonização européia, em especial a francesa, que foi a efetiva, tornou-se uma colônia em que o número de negros constituía a maior parcela da população. Talvez fosse onde houvesse a maior porcentagem de negros escravos, dentre todos os países. Também se diferenciou por ser a colônia mais lucrativa daqueles tempos, apesar de ter um território tão minúsculo. Sua revolução para a independência foi, provavelmente, o fator de maior diferenciação daquela ilha. Foi a maior derrota e a perda mais humilhante para a França de Napoleão Bonaparte, que conseguia dominar vastos territórios na Europa, mas não foi capaz de controlar sua colônia mais vantajosa.

Os revolucionários franceses provavelmente nunca imaginaram que sua luta contra o absolutismo iria resultar na independência de São Domingos. Porém, essa

independência não foi acompanhada de projetos políticos e sociais que levassem o novo país a uma situação estável. É aí que se encontra a outra característica que torna o Haiti um caso diferenciado: a condição de país mais pobre da América atualmente.

NOTAS

1 Graduanda do curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Ceará.

2E-mail: alinenoronha@uol.com.br

POPKIN, Jeremy. *Uma revolução racial em perspectiva: relatos de testemunhas oculares da insurreição do Haiti*. Revista Varia História, Belo Horizonte, v. 24, n. 39, p. 293-310, jan/jun 2008.

3 BETHELL, Leslie. *História da América Latina: da independência até 1870*. São Paulo: Edusp, 2001.

4 GUERRA, François-Xavier. *Modernidad e independencias: ensayos sobre las revoluciones hispánicas*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992.

5 PERIA, Juan Francisco Martínez. *Haití: la revolución olvidada*. Revista electrónica de estudios latinoamericanos, Buenos Aires, v. 7, n. 27, p. 3-53, abr/jun 2009.

6 TOMICH, Dale. *Pensando o "impensável": Victor Schoelcher e o Haiti*. Revista Mana, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, abr 2009.

7 MILANI, Aloísio. *Revolução Negra*. História Viva, ano IV, n. 51, jan 2008.

8 PERIA. Op. cit.

9 SOUSA, Ailton Benedito de. *Haiti – a recorrente ira de Spartacus*. Revista Comunicação & política, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, jan/abr 2004.

10 Ibidem.

11 TAPAJÓS, Vicente. *História da América*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1974. ed.6.

12 ROSA, Renata de Melo. *A noblesse haitiana nos 200 anos de império negro*. In: Caribe: sintonias e dissonâncias. Org. Olga Cabrera e Jaime de Almeida. Goiânia: Cecab, 2004, p. 243.

13 NASCIMENTO, Washington Santos. *Além do medo: a construção de imagens sobre a revolução haitiana no Brasil escravista (1791 – 1840)*. Revista Especiaria – Cadernos de Ciências Humanas, Ilhéus, v. 10, n. 18, p. 469-488, jul/dez 2007.

14 KARNAL, Leandro. *Um mundo às vésperas do colapso*. Revista História Viva, ano V, n. 48, p. 44, 45, out 2007.